

MEMÓRIAS DE UMA GARAGEM

Isaura Maria Ribeiro Bonavita I Pedagoga pela Universidade Ibirapuera – UNIB, pós-graduada em Museografia e Patrimônio Cultural pelo Centro Universitário Claretiano. Email: isahbonavita@gmail.com

Na velha Vila Nova Conceição, bairro de gente humilde, de origem portuguesa que, em suas chácaras à margem do córrego Uberabinha, viviam das pequenas plantações de viçosas verduras e belas flores, havia uma bucólica e íngreme ladeira.

A ladeira Diogo Jácome, com seus sobrados enfileirados exibindo em suas varandas, belos antúrios e verdes samambaias e suas escadarias em piso de caquinho vermelho e amarelo. Detalhes que davam um quê de bucólico aos casarios que ladeavam o morro.

Envolta nesse ambiente simples, que cheirava a flor de jasmim e tinha o som das carroças de pão, do leite e da verdura;

da matraca do homem do beiju;

do canto do menino do quebra-queixo;

do grito do jornaleiro e

que guardava histórias de arrepiar, como a do homem do saco,

que vivi uma infância feliz.

Muito feliz!!!!

Todo dia ao som da carroça do pão, corria, abria a porta e desembalava escada abaixo para pegar a bengala de pão e ganhar, do português gentil, um pequeno bebê, bolinho da época que se assemelha ao sofisticado *cupcake* de agora. Iguaria que não podíamos pagar e poder ganhar era só alegria.

O sobrado era amplo, arejado com um belo quintal com canteiros que circundavam um poço coberto por um caramanchão no qual pencas de rosinha trepadeira caíam dando graça e cor ao ambiente.

Nos canteiros cresciam em harmonia, couve-manteiga, alface, algumas suculentas (as quais eu chamava de bananinhas), folhagens coloridas que iam do amarelo ao bordô mais profundo e uma profusão de antúrios e avencas.

Havia um banheirinho com tramela e um pequeno telheiro por sobre o tanque, no qual pendiam os galhos da pitanga que passavam por cima do muro da casa vizinha.

Ali, bem pertinho do tanque ficava a casinha do Petit, um cãozinho muito preto, muito bravo e rabugento, e pendurado nas vigas do telhado, vivia em uma gaiola aberta, o Loro, que junto ao Petit era uma rabungentice só, pois, ambos disputavam no berro, as atenções de meu avô.

Meu avô, era um homem magro, de cavanhaque certinho e grisalho, com mil encantos no olhar. Ele desenhava móveis e armários frigoríficos que eram feitos em sua marcenaria. Eu adorava os seus desenhos e sempre que podia, desenhava com os lápis apontados no canivete em meus bloquinhos de papel de pão, que ele fazia para o meu deleite.

Quando ele não estava na marcenaria ou desenhando na escrivantina, ele ficava horas na sua garagem, embaixo do sobrado.

A garagem era repleta de tesouros e encantos.

Lugar como ele dizia:

– Cheio de perigos para uma menininha entrar.

Mas, para meus olhos, um lugar cheio de mistérios e mil tesouros e por isso, quando ele pegava a chave e abria a porta para descer, eu dava um jeito e corria dar a mão a ele, que feliz me levava para aquele mundo de alegrias.

Quanta quinquilharia havia lá!!!!

A porta de madeira com vidro no alto abria em duas partes e deixava passar aquele cheiro de coisa guardada, de coisa encantada,

ali esquecida e não mais tocada.

Um lugar cheio de aromas que despertavam os meus sentidos e que era povoado de mil gavetas e em cada uma, mil tesouros a descobrir.

Lembro-me da gaveta das bolinhas de gude.

Eram lindas!

Verdes, azuis, rajadas de branco, em vários tamanhos que a meus olhos de crianças eram diamantes que alguma princesa perdeu por ali, embora meu Vô sempre contasse como meu tio as havia colecionado e guardado.

Eu abria a gaveta bem de-va-ga-ri-nho, para que ele não percebesse, pegava uma por uma com muito cuidado e sentada no chão frio as arrumava por ordem de beleza.

A minha preferida era uma azul anil rajada de branco que possuía um brilho único e majestoso que, em meus sonhos, era o meu diamante esquecido ali, por uma fada malvada que me tirou o título de princesa.

Outro tesouro adorado estava bem escondido em uma caixa de madeira, que cheirava a fumo de corda.

Na caixa havia mil rótulos novos de aguardente.

Eram lindos!

Tinham frisos dourados e desenhos maravilhosos!

Em um havia um rosto de mulher coroada por coroa de louros, em outro com um pássaro dourado, mais um com um barril de pirata e dentre eles havia um, o meu preferido, que tinha um lindo cavalo alado.

Muitas eram as vezes que meu avô permitia que escolhesse uma meia dúzia e levasse para colar no caderno de brincar, aquele bloquinho de papel de pão passado para tirar os vincos e amarrado com barbante, que eu carregava por todo o lugar.

Em um cantinho meio escondido, havia uma bela cesta de vime (que eu ainda tenho comigo e lá se vão mais de 60 anos) que ele havia desenhado e mandado fazer em sua fábrica de vime, lá das bandas de Campinas, quando minha mãe era pequenininha. A cesta guardava miniaturas de cestas, balaios e abanos, todas bem embrulhadas em fino papel de seda.

No mais alto lugar nas prateleiras havia uma caixa com muitas miniaturas de cerâmicas.

Era uma preciosidade!

Jarras, panelas, ânforas, tigelinhas, vasilhinhos, copos, todos de cerâmica vermelha com minúsculas flores pintadas, todas embaladas uma a uma no mesmo papel de seda.

Um tesouro que como dizia minha Vó seria meu quando eu me casasse.

Mas, quando meu avô estava tranquilo, fazendo suas coisas, eu pedia com jeitinho e ele pegava a caixa e me deixava abrir, desembalar e admirar.

Nesses momentos eu era toda alegria!

Extasiava-me com o tesouro que seria meu e naqueles momentos desejava crescer e casar logo para poder tomar posse e sempre poder olhar.

Em outras gavetas havia parafusos reluzentes, arruelas, pregos de todos os tamanhos e outros trechos, tudo muito organizado, que meu avô sabia usar, mas que nunca usava, só guardava.

O que mais havia na garagem encantada era poeira. Muita poeira.

Poeira que pintava de marrom meus joelhos e mãos e que apesar de meu avô varrer e varrer ela teimava em juntar.

Cresci fugindo para ver os tesouros do vovô e quando ele ficou doente e tivemos que mudar do belo sobrado, por muito tempo fiquei a imaginar quem havia se apoderado de tudo aquilo ali guardado.

Muito tempo depois, vi os rótulos em poder do meu pai, que criativamente os colava em garrações de vidros que depois eram transformados em abajures e espalhados pela nossa casa.

A caixa com minha herança veio para minhas mãos no tempo certo, ou seja, às vésperas de meu casamento e as pequenas e belas peças habitaram minha sala por muito tempo.

As bolinhas ficaram com meus irmãos que destruíram, por conta de jogá-las, ação que por conta de bater na terra, tirou a beleza e o brilho dos diamantes. Comigo ficou aquela azul anil e a guardei por longos anos em uma gaveta especial.

O tempo passou, tornei-me adulta e fiquei sabendo que o sobrado da Diogo Jácome, veio ao chão pela expansão imobiliária do bairro.

As chácaras e seus verdureiros desapareceram.

As carroças de pão, leite e verdura se foram.

O bairro simples de gente humilde se transformou no lote mais caro da cidade, mas a história da menina de rabo de cavalo, calça rancheiro e camiseta listrada, que ali passou os melhores anos de sua infância, ficou guardada em minha memória.

Ainda hoje, quando avisto uma porta de garagem entreaberta, me vem à lembrança dos tempos de crianças, dos tesouros e do mundo encantado que cabiam certinhos dentro de uma garagem.